



COPENHAGEN.

A METROPOLE do reino de Dinamarca, Copenhague, ou como vulgarmente dizemos Copenhague, é situada em parte na costa oriental da ilha de Zelândia, e na extremidade meridional de um golfo nesse estreito canal, chamado do Báltico, denominado o estreito de Sund, que ali terá 14 milhas inglesas de largura; e em parte está assente na costa do norte da ilha

JANEIRO 15 — 1842.

2.^a SERIE — VOL. I.

pequena de Amager ou Amak. Separa estas duas divisões um braço de mar, que forma o magnifico porto. Reparte-se em tres districtos principaes: cidade velha ou Aldstadt; nova ou Friedrichstadt; e Christianshavn, o mais pequeno, na ilha de Amak. São guarnecidos de muralhas e fossos, e defendidos por 24 bastiões, alem das obras exteriores, e para o lado do mar uma cidadella mui forte. Fóra destas linhas ha os tres suburbios, do norte, nascente, e poente. Copenhagen tomada juntamente é uma das formosas capitaes europeas; o seu aspecto é magestoso, vendo-se do porto, que alem da marinha de guerra póde receber 500 vasos mercantes; por outro lado é agradável, vista da parte da terra, como a representa a nossa gravura. Os bairros são 12; contem 10 praças publicas e 5 de mercados, 3 palacios reaes, 29 templos protestantes, uma capella catholica, 3 synagogas, 3 institutos religiosos, um asylo para engeitados, 30 albergarias ou casas para pobres, e 22 hospitaes, um dos quaes accomoda 2:000 enfermos, e o da marinha perto de mil. —

A cidade velha é a mais meridional, separada da nova por um canal e a rua gothica, e de Christianshavn por uma ponte: é vasta e populosa, de bella apparencia; o espaçoso rocio do mercado novo é aformoseado pelo palacio de Charlottenburg, que está occupado pela academia de Artes, galeria de Pinturas, repositório da Artilheria, &c. — Neste districto tambem fica o paço real de Christianberg, que tem um seculo de idade, que porem ardeu em 1795, e agora reedificado é um dos edificios mais bellos no seu genero: nelle se comprehendem uma capella sumptuosa, 12 salões seguidos com a real collecção de pinturas, e a de productos naturaes; a bibliotheca de 400:000 volumes; uma preciosa collecção de gravuras; obras em marmore e modelos de Thorwaldsen. Os outros edificios são: o palacio do principe Friderico, o banco, a bolsa commercial, a nova casa municipal, a igreja da Trindade, onde na torre redonda, de singular construcção, e de 115 pés d'alto está o observatorio, famoso entre os sabios: a universidade (*) fundada por Christiano 1.º em 1478, que annualmente frequentam 700 estudantes, e possui uma livraria de 60:000 volumes, a collecção de m.^s relativos á historia das regiões septentrionaes e da Islandia, um horto botanico, um gabinete d' historia natural, um theatro anatomico, &c.

A cidade nova, a mais ao norte, tem boas ruas e os mais primorosos edificios de Cope-

nhagen: comprehende o paço antigo, dito de Rosenberg, deposito ou thesouro das joias da corôa, que alem disso encerra um excellente gabinete de antiguidades, e outro de medallas: seus amplos jardins estão abertos, como passeio publico. — A praça de Frederico, magestoso terreiro, de figura octogona, é principalmente formada pelo Amalienborg, fabrica enorme, constando de quatro vastos palacios; tres da residencia real, e o quarto occupado pela eschola da marinha: um dos lados da praça é roto; no centro avulta a bella estatua equestre de Frederico 5.º

A terceira divisão, situada na ilha de Amager, jacta-se de possuir o admiravel porto, estaleiro e ancoradouro da armada dinamarqueza. As suas ruas são regulares, e vistosas as praças: a igreja do Salvador, com sua torre singular de 288 pés port. d'altura, é a mais bella entre as da capital: são tambem dignos de menção os armazens da Companhia da India oriental. Nesta direcção jazem duas ilhotas, em que estão collocados os depositos de petrechos e bastimentos da armada, os estaleiros, em summa quanto pertence ao arsenal maritimo.

Copenhagen é das capitaes europeas, que tem maior numero de aulas e estabelecimentos litterarios: passam de cem as escholas e institutos destinados a varios ramos d' instrucção. É devido este florente estado, em grande parte, aos desvelos de Frederico 6.º, ha pouco falecido, monarcha de veneranda memoria para a Dinamarca. São igualmente numerosas as corporações de sabios e eruditos: citaremos como principaes, a academia real, a sociedade para promover o conhecimento da historia e idiomas do norte da Europa, a sociedade de economia nacional, associações para a litteratura islandica e para as antiguidades septentrionaes, a sociedade biblica, alem de outras muitas.

A despeito dos graves damnos que os incendios, e os accommetimentos hostís teem causado a Copenhagen, principalmente na fatal invasão dos inglezes em Agosto e Setembro de 1807; esta cidade se tem restabelecido, surgindo das ruinas mais esbelta que d'antes, em rasão dos novos e elegantes edificios e da reforma e melhor disposiçào das ruas, com que em nossos dias a teem aformoseado. — A sua população é de 116:000 almas [incluindo 2:600 judeus] que pela maior parte se emprega no commercio e navegaçào, que recebem grande impulso do giro e esforços de algumas companhias commerciaes. Todavia ha diversas fabricas, que dão occupaçào a quasi 3:000 pessoas.

(*) Em Kiel ha outra universidade celebre do reino. Kiel é um porto no Baltico, donde sahem paquetes para Copenhagen e para Hamburgo.

D. PEDRO E D. JOÃO DO CARVAJAL.

(1312.)

IV.

Yolanta de Lara.

..... até a liberdade, a vida
 lhe sacrificou, a sua fé & o
 seu amor!

VIEIRA. — *Serm. de Santa
 Barbara — Tom. 5.º*

NO ANTECEDENTE capitulo viu o leitor a situação desesperada do misero D. Pedro, queprehendido no meio da sua dôr fôra cruamente encarcerado com o irmão moribundo, a quem em vão buscava soccorrer.—Viu a branca aparição, tão consoladora para os dois desgraçados, sobrevir como enviada por Deus. Quem ella era terá já sem dúvida presumido, restanos trocar-lhe a suspeita em certeza. — Era Yolanta de Lara, a formosa e candida pomba, tão amada pelo infeliz D. Pedro, que por ella soffria, e só por soffrer por ella vivia ainda — era a innocente causa dos males que as duas victimas padeciam — era a irmã que vinha curar as chagas abertas pelo irmão — elle tão cheio de odio! — ella tão trahbordando d'amor! Santo coração de mulher, quem te não amarás assim Deus fez manar de ti a pura fonte de ternuras que nos torna mais brandos e melhores. Mal do que pôde viver desligado d'esses tão suaves affectos, que povoam a vida, e só por si encham a alma. Mulher, mulher, se tu bem comprehendêras a tua santa missão, mais ameno fôra o mundo e menos duros os homens — mais completa a civilisação e menos amarga a existencia. Espelho vivo das nossas affeições, que assim dobradas reflectes, dulcificandonos — límpida imagem, que tão fiel nos acompanhas nos dias serenos como nas noites nebulosas — mulher, porque te não veremos sempre no teu santuario de amor, castamente vendada pelas tuas intimas affeições, estendendo uma das mãos para enxugar as lagrimas da desgraça, e a outra para pedir as misericordias de Deus — isto é cumprindo os teus mais sagrados misteres: soccorrer e animar.

E assim deixámos nós a nobre donzella, amante no desvelo, mulher na piedade, e anjo no coração. — Talvez agora espere o leitor compridos protestos de sentimento, protestos nas vulgares paixões tantas vezes protestados quantas esquecidos, talvez conte ouvir um dialogo ardente, mutuas finezas, patheticas pinturas. Não será assim. O sentimento mais verdadeiro é o que mais obra e menos se mostra.

Yolanta era um d'esses caracteres de mulher, perfeitamente mulher. — Toda amor e puros affectos, levando o bemquerer da sua al-

ma ao extremo da devoção, nunca achára em quem empregasse a excessiva ternura que sua vida solitaria lhe amontoára lá dentro do coração. Nascêra ella no meio de uma familia ambiciosa, e que, dada inteira ás turbulentas intrigas da côrte e aos seus calculos tenebrosos, abandonára em erma existencia a tenrinha flôr; orphaã em pequenina dos desvelos e caricias de sua mãe, ficára só — ai tão só e tão orphaã — no meio de homens roídos de ambição, ou manchados de sangue, que a olhavam apenas como um meio de que um dia poderiam vantajosamente servir-se. Crescêra, e com ella a formosura, e com a formosura o profundo sentir. Que era linda diziam-no quantos a viam, que era boa quantos a tratavam. Boa e linda era pois, mas de que lhe servia a ella a lindeza, de que lhe servia a bondade, se não tinha a quem dissesse: «quando tiveres penas vem contar-mas que eu tas consolarei:» De que lhe servia a ella a bondade, de que lhe servia a lindeza? De dia olhava em roda de si com o coração aberto e a alma patente como flôr desabrochando ao sol... e achava-se só! De noite franqueando o peito ás doces emanações da solidão, contemplando o céu marchetado e a lua que passava silenciosa, disse lá consigo: «porque estou eu tão triste diante desta noite tão bella» e olhava..... e achava-se só. Durou muito esta vida, oh! muito, podeis crê-lo, tanto que a timida virgem tivera tempo de accumular no pudico seio tal porção de sensibilidade, que á mais leve arajem de amor devia rebentar como lava longo tempo represada e comprimida. —

E foi assim.

No meio de seus sonhos innocentes, do seu mundo imaginario, que livremente povoára de candidos espiritos, de douradas visões do seu retiro, mais com o coração do que com a vontade, imaginára ella um ente formoso d'alma com quem repartia, não digo bem, a quem entregava exclusivamente desejos e liberdade, a quem fizera seu idolo e seu senhor, que amava devotamente sem mistura de outros pensamentos — este ser da sua phantasia, á força de imagina-lo e contempla-lo, foi-lhe pouco a pouco travando dos sentidos.... Ah! quem a vira no fundo da sua solidão, embevecida em vago pensar, soltando algum ai perdido, a meditar sem meditação, e ás vezes dando largas a um suspiro ardente que fugia sem que ninguém o recolhesse — e oh! quem o podéra recolher! — sem saber explicar o que soffria, nem soffrer o que sentia; ah! quem a vira indagando na ingenua candidez da innocencia, e perguntando á sua alma porque assim estava inquieta e torvada: ah! quem a vira!

Viu-a o feliz D. Pedro; e o meigo olhar do mancebo, a nobreza do seu proceder, e o bem que tanto lhe pregoaram, fizeram delle a realidade do sonho da donzella. Distincto se mostrava o nobre Carvajal de quantos na cõrte viviam e de quantos o acaso fizera vêr á simples e amorosa Yolanta. Assim se estremava elle por sua bondade; assim o estremeou ella por seu amor. Desconhecida e quasi repellida pelos seus, toda ella foi paixão, toda se deu a este affecto tão santo e tão nobre. Já não estava só na solidão, já não vivia de illusões — havia a realidade — oh! uma realidade encantadora! — Um gentil e nobre mancebo, tal ou melhor do que ella sonhára, que a amava a não saber qual dos dois era mais amante; havia a vida alli, palpitante, affectuosa, doce, tão doce que o não fõra mais a vida dos cherubins, lá no céu. O proprio risco da perigosa situação daquelles amores lhes dobrava o preço. Com alvoroço viam, o mancebo e a donzella, chegar a hora nocturna das suas entrevistas, tão deliciosas sempre e sempre tão reservadas e tão sem maldade, que não acharia que notar-lhes o mais melindroso escrupulo. E assim se amavam — amavam-se como unicos que eram por seu amor, no mundo em que viviam. Julgai agora que seria da pobre menina na fatal noite em que seus colloquios foram tão cruamente interrompidos. Não ensaiarei pinta-lo — entregalo-hei á imaginação de quem lêr: ha situações de que as palavras não podem dar idéa. Desde então lagrimas foram o seu alimento e um só pensamento se lhe fixou no espirito — o de soccorrer o seu amante. A voz publica a informou bem depressa do acontecido. Não duvidou nem um momento. Sahiu do alcaçar sem que a notassem — e bem lhe foi, que talvez a vingança de seus irmãos a não poupasse no primeiro impeto — e a vontade começou o que o coração lhe pedia, e o ouro acabou o que não pôde a vontade. A chave poderosa abriu todas as portas. — Os que não se dobraram aos rogos cederam ao ouro. E era para vêr como aquella virgem, d'antes tão timida e melindrosa, corria então a pé as ruas de Burgos, branca e de brancos veus, destemida, atravessando a multidão sem vê-la, e armada de força sobrenatural. — Todos lhe cediam o passo com respeito, pasmados de vêr tão formosa e delicada dama passar assim por entre elles silenciosa e recolhida, como se fõra um dos bellos seraphins de pedra da cathedral, que despojado das suas azas descêra a percorrer a cidade. De marmore parecia o seu rosto, tanto estava palido e fixo, ou antes de marmore pareceria se não fõra o estranho fulgor dos olhos negros, unicos messageiros vivos de sua alma, e em

que a alma inteira lhe scintilava. Não sentia nem timidez nem fraqueza: um momento a fizera forte e varonil — dera-lhe a desgraça o que a indiferença parecêra haver-lhe negado. Alentava-a o testemunho da sua innocente consciencia: tinha que pagar uma divida de amor aos que por ella soffriam, e compensar o mal causado por seus irmãos. Que lhe importava pois a raiva delles, quando tal soubessem, nem os seus furores? — cumpria um santo dever: não via o futuro tão carregado, oh! tão carregado para a misera!

Vistes já, leitor, o como a donzella se apresentou aos dois desgraçados, um quasi sem vida, outro quasi sem alma. — Vejamos o que seguiu.

Voluntariamente passára alli D. Pedro longas horas aos pés d'aquella, que, se podêra amar mais, mais amára por tamanha prova de amor, mas seu irmão jazia ao lado: era preciso soccorre-lo. Tudo o que a boca pôde dizer, e o mais que não alcança expressar, tinham-no elles já dito no eloquente olhar.

« Bem quizera eu, senhora minha — exclamou o transportado moço — que este momento que me dás fosse uma eternidade, que menos que momento ainda assim me parecêra. Mas vê-lo? — ergueu-se e apontou para o quasi cadaver de seu irmão — vê-lo? Ei-lo ahi está tão visinho da morte por me a mim proteger, por se ir cravar no ferro destinado a este peito em quê tu só reinas. Yolanta, a amizade, o dever pedem-te liberdade — dar-mas tu?

« Mal fõra de mim se tos prendesse — respondeu ella. — Aquelle que tu prezares prézo eu tambem; ao que tu soccorreres darei soccorro; aonde cahirem as tuas lagrimas cairão as minhas. Por mim soffres tanto; por mim e por ti estão abertas estas feridas... Doem-me as tuas dores, mas, queres que te diga? mais me doe ainda este corpo trespassado! »

E, fallando, a donzella desenrolava o apparelho que comsigo trouxera, estancava o sangue, e concertava os profundos golpes com tal pericia e tanto desembaraço como se por longo tempo o tivera praticado. D. Pedro quasi que não tinha força senão para admira-la e contemplar a sublime diligencia com que a cura era operada. Ao cabo de alguns minutos D. João começou a dar signaes de vida. Os dois ajoelhados de cada lado do ferido, a quem do modo possivel se fizera um encosto, que nada esquecêra á providencia da donzella, aguardavam com impaciencia e anciedade a inteira recuperação dos sentidos; que então devia de vêr-se o resultado da grande perda de sangue e de tanto tempo passado sem soccorro. Ne-

nhuma das feridas parecia mortal, mas o abatimento que sem duvida se seguiria á hemorragia dava lugar a bem legitimados sustos. Pouco a pouco o accordo foi voltando, e quando o generoso mancebo abriu os olhos, a vista dos seus dois inquietos guardas pareceu animá-lo. Um sorriso lhe roçou os labios e tentou murmurar algumas palavras. Então a donzella tapando-lhe a boca com a mão alvissima lhe recommendou absoluto silencio, mas o ferido não obedeceu sem que primeiro, cravando nella os olhos reconhecidos e tomando a mão de seu irmão, não mostrasse a ambos que com o alento lhe voltára o sentimento. Depois cahiu em profundo lethargo, agora benefico e necessario.

« Repousa, mas o coração já lhe bate mais regular, já a vida se reanima com o sangue — disse D. Pedro tenteando-lhe o peito. — Salvaste-o e salvaste-me. Suas vistas ainda fracas não deram pelo horror deste lugar. —

« E assim nunca nem elle nem tu por tal dessem — respondeu gentilmente a donzella, considerando magoada as portas de ferro e as negras paredes.

« Ha pouco era um carcere — tornou D. Pedro com paixão — mas agora é o céu.

« Céu fôra elle — acudiu Yolanta — se aqui podesse viver sempre. Mas que será de mim e de ti.....

Não pôde acabar. O dever estava cumprido, e o futuro erguia-se agora sem piedade diante de seus olhos espantados.

« Amar-me-has tu sempre?

« Como até aqui, porque mais não o posso eu.

« Consentes em ser minha?

« No céu ou na terra — aonde Deus nos ajuntar. — Tua só no mundo ou na sepultura. Morta, terão o meu corpo — viva, nunca hão de ter a minha alma.

« Pelo sangue por este martyr derramado?

« Pelas cinzas de minha mãe, que nos vê lá do céu, pelos ossos daquela santa, como eu desconhecida e abandonada dos seus, como eu calcada e desfolhada na terra.

« Que nos separem agora! — clamou por fim D. Pedro beijando-lhe a mão com respeito, primeiro favor que lhe ella concedia, e que ainda neste momento supremo elle tomou por excessivo.

A união daquellas duas almas nada tinha de terrestre. Purificára-as a dôr, e agora voavam livres a abrigar-se aos pés do Eterno.

Mas ainda soava o apaixonado clamor de D. Pedro

« Que nos separem agora!

Ainda elle o repetia quando as portas do carcere escancarando-se fizeram vêr os furibundos Laras, que se precipitaram na prisão,

cortando com blasphemias do inferno aquella scena do céu.

« Aqui te encontrámos — dizia um delles travando da misera meia morta de terror — acabe a tua vida aonde principiou a tua deshonra.

E um ferro se abaixava sobre o seio da infeliz.

« Covardes — bradou D. Pedro arrojando-se ao encontro d'elle — covardes, covardes, que só tendes animo para atacar por detraz e á noite um homem desprevenido, e para assassinar uma dama sem defeza. Covardes, covardes, fartaí aqui a sêde que vos devora.

Estava sem armas: que mais poderia elle fazer?

Nisto o carcere encheu-se dos guardas da prisão, que se opposeram aos attentados dos furiosos — mas era já tarde, o punhal dos Laras tinha-se pela segunda vez tingido no sangue dos Carvajales. — O golpe destinado á sua Yolanta recebêra-o D. Pedro, e a triste ao vêr tal baqueou sobre o pavimento como um tenro arbusto arrancado pela tempestade.

Quando a ergueram, ai desgraçada! — estava louca. — (Continúa.)

ILHA DA MADEIRA. (1)

— a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredado assim se chama,
Das que nós povoámos a primeira.

.....
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos e Cylthera.

CAMÕES. *Canto V. est. 5.ª*

AS BELLEZAS naturaes da ilha da Madeira, e a salubridade do seu clima, contribuem tanto ou mais que o seu commercio de generosos vinhos, para a fazerem celebre e para ser frequentes vezes visitada. Os inglezes, principalmente, abandonando os nevociros da atmosphera de seu paiz natal, comprazem-se em vir á Madeira desfructar as delicias de paisagem e a benigna temperatura desta filha gentil do Atlantico. O successor de Walter Scott, e rival de Cooper, que hoje leva a palma aos escriptores de romances na Graã-Bretanha, o capitão Marryatt, que tem viajado muito como observador e como litterato, exprime-se da seguinte maneira. — « Eu não conheço no mundo um logar, que tanta admiração cause e tanto satisfaça logo á primeira chegada, como a ilha da Madeira. O passageiro embarca, e vai, segundo toda a probabilidade, padecendo a terrivel prostração do enjôo: talvez que

(1) Vid. a pag. 217 do vol. 5.º da 1.ª serie.

largasse a Inglaterra no sombrio termo do outono, ou no frígido auge de um inverno britânico. Dentro de uma semana de novo avista terra; que saudoso deixára, e em que desejaria pôr pé, posto que dêsse para isso metade de quanto possue. Mas quando salta na ilha, que mudança! O inverno fez-se verão: em vez das arvores despojadas, que ficaram na terra natal, aqui acha a mais frondosa e virente ramagem: cambiou-se o caramelo e a geada em tepida e esplendida atmosphera; e a paizagem da zona temperada na profusão e magnificencia dos tropicos. O céu cristallino, o astro da luz scintillante, o mar azul e sem limites, os outeiros entapizados de vinhas, a novidade do trajo característico dos campinos — tudo concorre para recrear os olhos, exactamente no momento em que o haver desembarcado n'uma ilha escalvada seria mui apreciavel delicia.» —

Depois de muitos livros, que são outros tantos elogios dos estrangeiros, ainda a Madeira, no meado do anno que findou, mereceu um novo padrão. Publicou-se em Londres uma collecção de primoras estampas; *Madeira illustrated*; por André Picken, com uma descripção da ilha pelo Dr. James Macaulay, o mesmo que já tinha inserido no *Novo jornal philosophico d'Edimburgo*, quaderno de Outubro de 1840, uma memoria sobre a geographia physica, geologia, e clima da Madeira, de que para o diante nos aproveitaremos. No volume citado lemos o seguinte: —

«A extrema grandeza e magestade dos districtos montanhosos da ilha é principalmente resultado do character geologico do paiz. As rochas de que todo o solo se compõe são de origem volcanica. Poucas formações maritimas ha [calcarea terciario em *S. Vicente* e lignites em *S. Jorge*, na costa do norte]: e estas formam uma porção mui tenue da superficie. As montanhas, de quasi 6:000 pés d'altura, são compostas de basaltos e outras rochas de semelhante formação: appresentam por conseguinte toda a fragosidade selvatica que se póde esperar da ruina e confusão de recente acção volcanica; e mesmo assim estão no grau da magnificencia alpina. Accresce que ainda permanecem restos da antiga vegetação da ilha, estando as serras vestidas de florestas de loureiro, vinhatico, til e outras arvores indigenas de verdura perenne. Muitos viajantes dão testemunho de que nenhuma região póde blazonar de combinações de objectos naturaes tão picturecos e causadores d'impressão.»

N'outra passagem se dá idéa da differença entre a costa do norte e a meridional. Ao norte, em vez de descer a terra com pendor gra-

dual como no sul, as cordilheiras de montanhas mantem-se em grande elevação até que terminam n'uma linha de mui altos penhascos ingremes guarnecendo a costa: a vegetação é tambem diversa; são raros os cactos ou figueiras da cochonilha, as bananeiras, e outras plantas tropicaes; abundam porem as arvores mais robustas e as plantas das latitudes elevadas: o aspecto geral do solo é de character aspero e grandioso: o mar tem alli uma correspondente sublimidade de apparencia. — Caminhando ao longo da praia, e ao nascente dos gigantes penedos e ribas maritimas de *S. Vicente*, entre as rochas e a praia, acha-se uma nesga de chão em partes cultivado. A cada passo se revelam novas scenas de grandeza. O fraguado é precipitoso, e só de espaço a espaço ha grandes cortaduras, barrancos, ou algares profundos, por onde abriam caminho as torrentes impetuosas, que descahem das serranias: as summidades e parte dos lados dessas moles de pedra se revestem com a escura folhagem dos arbustos indigenas: n'alguns logares saltam as aguas formando cascatas naturaes de maravilhosa apparencia: ás vezes offerece-se uma serie dellas, com a altura de alguns centenares de pés de queda perpendicular: julgue-se quão magestoso será o effeito: n'outros sitios, onde o apice do rochedo parece fugir do centro de gravidade, e dependurar-se alem da sua base, salta o jorro d'agua, arqueando-se; mas como vai bater em pontas e rupturas desigualmente formadas, parte-se, divide-se, resalta, de fórma que o volume das aguas, visto de longe, finge uma nuvem aquosa, carregada pelos ventos sobre a superficie da penedia. Com tal prospecto de bravia magnificencia de um lado, e do outro quebrando as ondas immensas e retumbantes na costa escabrosa do Atlantico, alli sempre turbulento e impetuoso, reconhecemos que a solemne magestade do logar é superior a quanto pinta a poesia ou concebe a fantasia respectivo á sublimidade dos quadros da natureza.

Depois de com vigor e enthusiasmo ter o A. descripto as vistas picturecas que mais lhe arrebataram a attenção, não quiz deixar no silencio uma das mais distinctas feições da Madeira: os algares com suas torrentes que, partindo do centro da ilha para a costa, são pela industria dos habitantes desviadas para a irrigação, mediante as levadas ou pequenos canaes, que em varias direcções intersectam o territorio. A notavel obra deste genero no Rabçal é um dos mais estupendos sitios da paizagem occidental da ilha.

O Dr. Macaulay, inculcando o verdadeiro modo de gozar a residencia na capital da Ma-

deira, observa que de todos os divertimentos e prazeres da estada no Funchal, os que mais vivamente agradam, e que o estrangeiro não esquecerá, são as excursões terra dentro: em todas as direcções e a todas as distancias ha mui deliciosas scenas para taes expedições: e raras são as interrupções ocasionadas pelas vicissitudes do tempo. Meramente com a ascensão ás serras se póde experimentar mui grande variedade de temperatura e em poucas horas passar do verão, pelo meio da primavera e do outono, para o inverno rigido nas sumidades das montanhas toucadas de neve. Os que não quizerem alongar-se das abrigadas praias da bahia do Funchal podem dahi, onde atura immarcessivel a vegetação dos tropicos, contemplar sobre as alturas, a cavalleiro da cidade, a reaparição das folhas novas e todos os phenomenos da primavera: assim, no declinar do anno, quando junto á costa se vê inalteravel a verdura, e a influencia do sol do verão pouco tem diminuido, as eminencias do paiz appresentam a variegada tintura e a folhagem murcha do outono. . . . O ar da ilha é tão refrigerante e balsamico que o simples acto de respirar é um gozo desconhecido em climas menos favorecidos. — O A. espraia-se em elogios sobre a excellencia desta atmospherá, sobre os attractivos dos passeios na ilha; e descreve os modos por que de ordinario se fazem, já em brilhante cavalgada, que poderemos chamar o modo europeu, ou em maca ou rêde, que chamaremos o americano, ou em palanquim, que faz lembrar o luxo asiatico. O fragoso terreno do interior não admite carruagens ou identicos transportes: causa muitas vezes admiração o ver como os homens de trabalho trepam e descem sendas abruptas e quasi impervias, carregados com cestos d'uvas, e outros pezos; e o fazem com agilidade e desembaraço, que só lhes podiam dar a sua criação nesses logares, e a poderosa força do habito.

O mesmo Dr. Macaulay, n'uma correspondencia inserta no *Atheneu*, tinha descripto uma obra publica, que por conta do governo se fazia na Madeira, e tal que não duvida chamar-lhe *grande obra, e que faria honra a qualquer seculo e a qualquer nação*. Já fallámos nas aguas que naturalmente derivam das serranias, e que se applicam ás regas artificiaes; indicámos o sitio do Rabaçal. A este se refere o que vamos transcrever da carta do escriptor inglez. « Na testada de um barranco estreito e fundo, que fórma o começo do valle da Ribeira da Janella, levanta-se uma rocha perpendicular com 1:000 pés d'altura: grande copia d'aguas mana desta penha; parte em abundante cas-

cata, sacudidas da summidade do rochedo, e parte em fios innumeraveis que rebentam das fendas na sua superficie vertical, gotejando por entre arbustos, que a revestem. Todo este cabedal de aguas era perdido, precipitando-se n'um fojo, como abismo, donde corriam infructuosamente para o mar. Observou-se que se as interceptassem na descida, e por arte as desviassem da carreira que lhes assignára a natureza, seria incalculavel o proveito, destinando-as ao regadio de chão agricultado. Parece que similhante tentativa se fizera em data remota, do que não ha vestigios. O governador da ilha em 1823 teve a mesma lembrança; porem só em 1836 se deu principio á obra (2). Da extraordinaria habilidade do engenheiro, a quem foi commettida, farão os que não viram o sitio a mais elevada idéa pela simples descripção seguinte (3). Foi o Sr. capitão, Vicente de Paulo Teixeira, natural da ilha. »

Até aqui seguimos, porque em credito nacional redundava, o que escreveu o Dr. Macaulay. Agora daremos o resumo, que achámos no *Museu Portuense*.

« Esta agua, até agora inutil no fundo do abysmo onde cahe, tornar-se-hia da maior utilidade na altura de 300 pés acima do fundo. Resolveu-se com effeito encana-la, e para conseguir este fim, praticou-se na rocha uma cortadura, em partes de 20 a 30 palmos para dentro, que acaba na parte superior em meio arco, e que faz com que a agua, encostada sempre á parede da meia abobada, se vá metter n'uma levada, que dalli a mais de duas leguas vai passar por uma galeria subterranea do comprimento de 150 braças, trabalhada atravez d'um monte elevado.

Como seja inaccessible a rocha onde primeiro se traçou tão atrevida obra, foi preciso para lhe dar começo que do alto descesse um homem por meio d'uma corda á mencionada altura de 700 pés, e assim seguro, em varias partes brocasse a rocha, carregasse as minas, e lhes desse fogo. Para conseguir sem perigo esta ultima operação, era necessario que quando o homem tivesse 3 minas ou brocas carregadas, e lhes chegasse o fogo, desse immediatamente um balanço, pendurado em sua corda do comprimento de 700 pés, e se fosse segurar dalli a uma boa distancia em algum ramo até se effectuar a explosão; acabada a qual largava o pouso, e de novo tornava a seu logar e a seu trabalho.

(2) Lemos no *Museu Portuense* n.º 11 que o Sr. Barão de Lordello, sendo administrador geral, lhe dera bastante impulso, para a completar.

(3) Note-se que são formaes palavras de um sabio estrangeiro.

Esta parte da levada, praticada na rocha vertical pelos homens assim pendurados, tem 600 pés d'extensão, e dahi por diante [exceptuando alguns logares tambem verticaes e medonhos de passar] corre por um bello caminho feito nas fraldas de continuadas montanhas, e passando pela galeria subterranea para o lado do sul da ilha, onde tudo é secco, irá regar 5 bellas freguezias, que até agora teem estado na maior parte incultas pela falta d'agua.

Tão bem aproveitadas são as nascentes da mencionada rocha vertical, que para baixo da levada, que fica 300 pés acima do fundo do abysmo, não se verá correr uma gota d'agua, quando dahi para cima, que são 700 pés, é tudo uma cascata.

Desta obra portentosa — diz-nos uma testemunha ocular — não se póde dar nem approximada descripção; e só vendo-se é que se póde conhecer e admirar sua grandeza. A agua vendida aos lavradores, dará ao governo, por conta de quem é feita a obra, o rendimento de 2:000:000 de réis annuaes, e alem disso os dizimos do producto do immenso districto que vai regar-se. Em poucos annos ficará paga a despeza.

BIBLIOGRAPHIA.

Compendio elementar da grammatica portugueza. 1 vol. de 8.º Porto 1841 (*).

APESAR do auxilio de copioso numero de livros escriptos em todas e sobre todas as linguas, não é tão facil, como alguém julgará, o coordenar concisamente e sem prejuizo da clareza as regras fundamentaes respectivas ás differentes partes da oração. Ha muitos resumos grammaticaes da nossa formosa linguagem: mas uns são deficientes, outros nimiammente diffusos; muitos não combinam com os principios da Ideologia, e por isso os reprova o ensino actual; alguns foram redigidos segundo um methodo philosophico, em cuja exposição e desenvolvimento se dilataram tanto seus auctores, que parece os escreverem mais para escholas normaes de professores do que para as de instrucção primaria. Se estas obras são proprias para o estudo dos mestres, que pretendem estabelecer as suas opiniões e methodo depois do exame e comparação das opiniões e dos methodos alheios, deixam de o ser para discipulos noviços. — O A. do epitome, que temos á vista, soube evitar estes inconvenientes, e, compondo uma synopse dos

(*) Acha-se nas lojas dos Srs. Bertrand, aos Martyres, e Mendes, Rua Augusta N.º 3. — Preço 200 réis.

rudimentos do idioma portuguez, offereceu ás escholas primarias um compendio util, manual, e barato. — Na frente do seu prologo modesto, o Sr. Carlos Augusto de Figueiredo poz por epigraphe uma sentença do grammatico inglez, Murray. « De uma nova compilação pouco mais se póde esperar que uma cuidadosa selecção das materias de maior utilidade. » — Podemos asseverar ao auctor que foi cuidadoso neste ponto; e por isso recommendamos o seu compendio para uso da mocidade, dispensando-nos de analysar com miudeza a obra, o que seria equivalente a reduzir a indice todo o seu contexto.

ECONOMIA DOMESTICA.

Receita para preparar os presuntos de maneira que sejam iguaes aos melhores de Melgaço ou Lamego.

SALGAM-SE os presuntos empilhando-os em tinhas, cubertos de sal ao modo ordinario: passados trinta dias tiram-se do sal, devendo por isso, para maior facilidade, ficar por cima da outra carne na salgadeira. Sacudido o sal, poem-se em uma maceira ou celha, e alli por espaço de nove dias de manhaã e á noite se esfregam ou molham por toda a superficie com um panno ou esfregador molhado no seguinte liquido. Para quatro ou seis presuntos toma-se meia canada de vinho [se for generoso e branco melhor] lançam-se-lhe duas boas pitadas de pimenta e um cravo da India, tudo pisado, e um unico dente d'alho esmagado, e está prompto o liquido de que se trata. Começa-se logo a lavagem, e se o liquido se acabar, reforma-se, sendo bom não preparar grande quantidade delle para que não perca a força. No fim dos nove dias ou de dezoito molhadellas, barram-se os presuntos pela parte do córte com farellos trigos de maneira que forme uma crusta, borrifando com aquelle liquido, se for necessario; poem-se ao fumo de lenha que não tenha mau cheiro, e depois de bem enxutos guardam-se. A experiencia tem mostrado que guardados em um caixão entre farellos trigos de sorte que se não toquem, e estejam cubertos, se conservam perfeitamente, e não criam vareja.

ERRATA.

N.º 2.º pag. 12 deste vol. — col. 1.ª — onde se diz — pelas côrtes de 27 de janeiro de 1668, &c. — houve transposição, e deve ler-se — côrtes dos tres estados do reino, de 27 de janeiro de 1668, esteve recluso por seis annos na casa dos governadores no castello de Angra, &c.

N. B. Na maior parte dos exemplares vai emendado este descuido.